



## GÊNEROS DISCURSIVOS INTEGRADOS EM MÍDIAS DIFERENCIADAS

**Terezinha Tagé**

ECA - USP

*“Chego agora ,ao inefável centro de meu relato;começa aqui meu desespero de escritor .Toda linguagem é um alfabeto de símbolos cujo exercício pressupõe um passado que os interlocutores compartilham;como transmitir aos outros o infinito Aleph,que minha temerosa memória mal e mal abarca” (Borges: 'O Aleph')*

### **1-Um texto midiático para contar a vida imediata .**

O significado da palavra mídia e o seu plural, mídias, já convencionado nos textos teóricos escritos em português do Brasil e no senso comum para nomear objetos de comunicação com mensagens de difusão social, quase sempre é reduzido ao veículo impresso ou eletrônico onde elas são elaboradas por meio de “*textos verbais e não- verbais*”. Nesta exposição de idéias, porém, chamaremos “*mídia*” igualmente o próprio texto,lugar de integração de diferentes gêneros discursivos. Estes serão considerados como “ *conjunto de enunciados relativamente estáveis originados de uma esfera da atividade humana*”,conforme Bakhtin(1992). O texto neste caso, também compreendido como sistema de signos passível de leitura (Lotman, 1973) construído por uma pluralidade de sistemas sígnicos de diferentes origens (palavras, imagens, sons formas, grafismo, cores e outros ). Nesta mídia entremeiam-se estes múltiplos gêneros discursivos (Bakhtin,1992). Sempre em movimento de integração e de interação,divulgam e incorporam no imaginário social, os acontecimentos, as emoções, os comportamentos e movimentos vividos como decorrência da ação humana diária. Vivemos sem reparar este fato e, ao ouvirmos a palavra “*mídia*”,associamo-la automaticamente à televisão, ao aparelho de rádio, ao jornal, ao livro, dispositivos da internet e outros. Mas, estes suportes materiais, por si mesmos, não realizam o ato de comunicar.



Nos textos contemporâneos de todas as ordens ,observamos uma característica predominante: a fusão de gêneros discursivos cada vez mais intensa no seu processo de elaboração,provenientes de vários sistemas semióticos com os quais convivemos simultaneamente .Quando divulgados em livro ,impresso ou eletrônico,em alguns casos,fica difícil ao leitor ou ao receptor, encaixá-los nas classificações tradicionalmente instituídas ou já consagradas no plano do mercado editorial , nos meios acadêmicos ou mesmo na fala das ruas e outros espaços , como os contos, romances, documentários, reportagens, crônicas, artigos, notícias e outros. Chamaremos, provisoriamente ,estes textos que absorvem estes elementos de “*mídia diferenciada*” porque em geral,dirigem-se aos leitores muito interessados na busca de significações complexas dos acontecimentos sociais ou das mais diversas questões relativas à condição humana que afloram no ato da leitura.Não visam apenas a informar o interlocutor, mas incorporam significações múltiplas a cada leitura e estas acabam se revelando mais no processo de reconstrução do ato receptivo do que no simples resultado da apreensão do conteúdo informado. As formas de reportar os fatos e situações passam a ser,também , o objetivo da leitura e atendem igualmente à busca da informação(ou formação?). Nelas, a integração de gêneros discursivos passa a fazer parte da significação profunda das mensagens e pode interferir na função dominante da linguagem utilizada e da comunicação a ser realizada, dependendo da perspectiva de leitura escolhida do leitor.Na aparência, estes textos podem ter caráter jornalístico, literário, ensaístico, conversacional, documentário e outros, se quisermos obedecer ao padrão de limites da nomenclatura de cada um destes segmentos discursivos. Podem ser divulgados em livros impressos e eletrônicos, páginas de jornais e revistas de atualidade ou especializadas,filmes,vídeos,fotografias,peças teatrais e outros dispositivos de divulgação cultural. Mas ,a questão passa a ser como dar conta da desconstrução e do trânsito das fronteiras classificatórias que , uma vez diluídas, passam também a significar ou a produzir sentidos que precisam ser igualmente revelados para absorver o conjunto das mensagens disseminadas.

Entre estas inúmeras possibilidades de construção de textos midiáticos diferenciados ,separamos aquele que costumamos chamar de “*conto*”.Pensando no seu compromisso maior ,chegamos em seu ponto nuclear:a obrigação de dar narrar alguma história, às vezes mais verdadeira do que inventada ou mais inventada do que verdadeira ou ,ainda ,simplesmente inventada .Estas razões levaram à dominância nestes textos do gênero literário em nossa

civilização,talvez o mais antigo,iniciado com as epopéias mais remotas transformando-se com o passar do tempo .Referência famosa pode ser lembrada nas célebres histórias das “*Mil e Uma Noites*”, no século10 e não menos importantes foram os seus desdobramentos como sistema modelizador em um modo de narrar ,saltando para o século 14,com os contos eróticos de Boccaccio, no *Decameron*, no século 17,com as *Novelas exemplares* ,de Cervantes e os *Contos de Canterbury* de Chaucer,passando pelo século 18 com os contos de Perrault,as fábulas de La Fontaine .Mas não resta a menor dúvida de que foi no século 19 que esta composição textual foi mais estimulada ,entre outras razões pelo surgimento das oportunidades instauradas pela imprensa e a publicação de contos nos jornais.Autores como Tchecov,Tolstói ,o nosso Machado de Assis e no século 20 , Jorge Luís Borges ou Guimarães Rosa ,embora com processos diferentes de criação trazem ao conto a posição que ele ocupa até hoje .Não os citamos para elencar nomes representativos entre inúmeros outros, apenas para completar este pensamento.

O que nos importa ,entretanto ,não é a história deste tipo de forma de modelizar em sistemas sígnicos os acontecimentos da vida cotidiana em todos os tempos .O nosso objetivo nesta exposição de idéias é observar o quanto estes textos ,primeiro orais e depois,outros,recriados em diferentes escritas e conjuntos de signos e de códigos,registraram e interferiram em momentos, situações e ações de perigo e ultrapassagem de limites humanos. O exemplo de Sheerazade, talvez seja uma comprovação simbólica desta força midiática vital porque a criação do ato de contar, em cada um daqueles momentos , teceu a possibilidade de vencer a própria morte .Não foi apenas a criação de um texto oral qualquer com palavras sem direção e peso.Não foi um discurso com retórica persuasiva,argumentos de defesa de uma causa por mais justa que se apresentasse .Não a palavra em si ,mas o ato de construir com ela um objeto de significação continuada e infinita.Por toda esta força ou possibilidade de contribuição social, a mídia/conto/ato de narrar merece um estudo mais atento e aprofundado,num momento em que as mídias consagradas pelas empresas e instituições públicas especializadas parecem estar perdendo ,aos poucos , sua função de tornar conscientes os cidadãos e interessados no conhecimento da condição humana e da cidadania para,então, poder compartilhá-la.

Em seu artigo “*Uma Historia do Conto*”, para o Caderno “*Mais*”,do jornal paulistano Folha de Paulo(30/12/2001),o escritor cubano Guillermo Cabrera Infante observa que o

homem é o único animal que faz fogo e ,tão natural quanto esta ação,narrava, em tempos remotos, em torno da fogueira, suas dificuldades em um dia de caça perdido no encalço de um cervo branco com um chifre na cabeça ou outra aventura.Estas ações não perduraram como os desenhos nas paredes da caverna de Altamira,mas foram recontados e reencontrados na memória coletiva e muito mais tarde,outro contista/narrador retomaria a mesma história,transformando o cervo num unicórnio .Com o tempo ,este modo de narrar foi enriquecido por outros contextos,gerando as lendas e a mitologia. Assim, novamente o que predominou nesta forma de comunicação,foram as significações atribuídas pelo modo como texto aflorava em diferentes épocas,incorporando-lhes as características .Isso porque ,ainda segundo Cabrera Infante, o conto é protéico e prosaico.Como Proteus ,deus grego que mudava de forma para não ser interrogado e questionado,era uma espécie de metamorfose em forma de deus ,o conto muda de forma para apreender a prosa de cada tempo.Chegamos aos nossos dias e percebemos que as ações humanas acabam narradas como histórias aparentemente inventadas e até mesmo as chamadas de ficções, trazem, embutidas no tecido discursivo que as constitui(e não no seu conteúdo temático)muitas informações e dados retirados da vida social imediata e anônima,que é a única que realmente vivemos,independente de nossa posição social.

Para estudar esta possibilidade de mídia diferenciada, escolhemos textos criados pela escritora brasileira Zulmira Ribeiro Tavares(1930.....), principalmente os que apresentam a forma dominante de contos e que têm sido publicados em livros,como “*Cortejo em abril*”(1998),entre outros, ou nos cadernos de cultura de jornais diários.Eles se caracterizam por absorver e reconstituir verbalmente referências a outros sistemas sígnicos e códigos ,além da mistura permanente indissociável de gêneros discursivos .

Destacaremos o conto “*Região*”, publicado no caderno “*Mais*”(30/06/2002), do Jornal Folha de S.Paulo,recortando trechos representativos,procurando demonstrar que nesta mídia /conto o processo de significação se constrói no entrelaçamento e no diálogo entre os gêneros de discursos .O discurso verbal,neste caso, desencadeia um sistema de referências que instaura no processo de recepção do leitor /intérprete a reconstrução ou até mesmo a criação de signos visuais e sonoros ,sem os quais a significação a ser comunicada não se efetua.Estão presentes diferentes tipos de enunciados com relativa estabilidade(Bakhtin)que configuram estes gêneros.



## 2-O que é contado no texto

Para melhor situar esta questão, apresentaremos um resumo do que o texto conta. Trata-se da história de um personagem, quase um excluído social, residente nas ruas ou em abrigos improvisados, como casas abandonadas ou desalugadas, servindo-lhes, algumas vezes, de guarda temporário, na região formada pelos bairros de classe média alta da cidade de São Paulo, denominada “*Jardins*”. Ele tem uma espécie de mania. Gosta de olhar as vitrines das lojas que vendem roupas, principalmente os manequins. Prefere os sem cabeça, nos quais projeta a sua própria ou a de alguém conhecido. Sente-se feliz, julgando-se integrado ao ambiente. Um dia conhece Orfilia, jovem comerciária vinda de Catende há pouco tempo, quase analfabeta, que trabalha em uma das lojas da região como dobradeira de roupas que as freguesas experimentam. Ela sonha em subir de posto e se transformar em atendente de freguesas de alto poder aquisitivo frequentadoras da loja, o que implicaria no seu aperfeiçoamento comportamental e cultural como profissional e como pessoa. O personagem sente-se capaz de orientá-la, tornando-a instruída para esta forma de inclusão profissional e social. Eles têm um romance, ele consegue ajudá-la a compreender palavras e expressões estranhas para o vocabulário exíguo da comerciária. Tudo se passa sem maiores problemas. Finalmente, ela realiza o seu sonho e consegue substituir uma atendente de freguesas como teste para subir de posto no trabalho.

Um dia, Orfilia aparece desesperada e em pânico. Conta ao personagem que uma freguesa lhe havia perguntado se ela vendia bode preto na loja. Sua compreensão destas palavras levou-a a imaginar que se tratava de uma mulher demoníaca, querendo fazer alguma feitiçaria. Decidido a salvá-la, o namorado aflito procurou no velho dicionário que conservava desde a infância todos os significados de bode e de bode preto sem conseguir entender a situação. Tudo, porém, ficou esclarecido quando se desfez o equívoco. Tratava-se de um problema de exclusão por desconhecimento da cultura e da língua inglesas, marca de inclusão no espaço urbano em que viviam. A freguesa pedira um “*body*” preto, ou seja, uma peça de roupa íntima feminina, usada colada ao corpo para modelá-lo.

Desiludida, não suportando os risos das colegas, Orfilia é rebaixada ao cargo anterior de dobradeira e acaba voltando para Catende. O personagem narrador sente-se culpado por não ter ajudado a namorada nem percebido o quanto estava distante da realidade.

que o cercava. Seu derradeiro projeto é chegar a ser vitrinista. Dentro da vitrine, conseguiria uma ilusória inclusão espacial em algum lugar das lojas, de onde poderia olhar a exclusão ruas e outros índices de miséria que ficavam lá fora. Jamais conseguiria outra forma de ser incluído socialmente naquela “região”, signo que sintetiza o objeto a ser comunicado. E pensar que todas estas discriminações irreversíveis, esse muro intransponível entre fronteiras sociais revelou-se com signos verbais pudes de historicidade e contextualização culturais diferentes. A impossibilidade de acesso ao plano dos privilegiados conhecedores e leitores de signos com significados restritos, ao mundo do consumo de objetos, valores e comportamentos pode ser revelada e comunicada ao leitor numa mistura de códigos e linguagens implícitas, porém amalgamadas pelos signos/senhais “bode/body”, trânsito realizado pela matéria verbal, mas não apenas no plano lingüístico, no sentido de simples código.

Vale a pena conferir o processo em alguns trechos do conto:

*“Minha menina começou por me fazer estranha pergunta, se eu sabia o que era um bode. O macho da cabra- respondi de pronto E um bode preto ?-retornou. Meu espanto aumentou, contudo não parei para refletir e de novo fui rápido: O macho preto da cabra- Só isso ?, e os lábios de Orfilia tremiam....” Depois cruzei a palavra bode com a palavra preto. Sintonizei. Ativei minha perspicácia :Bode preto é também um dos nomes do diabo! E ainda enriqueci a informação: Ele tem um monte !Diante do quê, Orfilia deu um pequeno grito angustiado e colocou a mão na minha boca ...”*

Mais tarde, depois de acalmar a namorada ele acrescenta outro episódio :

*“Achavam-se as coisas nesse pé quando eis que um dia chegou à loja de Orfilia uma mulher gorda com nada dos olhos maus da outra ...Orfilia caminhou rapidamente em sua direção e lhe perguntou ...em que poderia servi-la. Ao que a mulher ,subitamente aproximando-se muito do rosto do dela, não sem antes olhar para os lados como se temesse alguma interferência ,em voz baixa ,todavia sorrindo ,segredou-lhe que estava já há uma hora atrás de um bode preto. Com o coração disparado ,mas procurando se fazer de forte...preparava-se a menina para lhe dizer que em outra loja ...em que se vendiam duendes, incensos ,figas ...ela encontraria ..o seu bodezinho preto-quando escutou quase no seu ouvido a terrível palavra :Grande ....Sim ,foi o que Orfilia ouviu e depois me repetiu gritando GRANDE!A mulher não deixava dúvida quanto ao pedido:Um bode preto grande!insistiu.”*

O gênero discursivo predominante é o da fala popular do narrador/personagem em primeira pessoa ,mesclado às construções sintáticas em estilo indireto livre na norma culta



,de outra voz ,a da criadora/narradora /autora ao elaborar o texto,quase como uma repórter disfarçada .Esta segunda voz introduz outro gênero discursivo,que poderíamos chamar de reportagem jornalística.Nela o texto pode ser lido como mídia diferenciada ,pois informa e denuncia acontecimentos políticos e sociais em situações do cotidiano da região referida e que podem ser constatados por qualquer cidadão paulistano a todo momento.

### **3-O diálogo das coisas contadas**

Quem pensa que este texto comunica apenas o que foi descrito até aqui está enganado .O caso do “*bode preto*”serve de pano de fundo ficcional criado em sistemas sógnicos modelizantes de conflitos de culturas.Mas há muitas outras coisas contadas.

Esta afirmação pode ser confirmada logo no início do texto quando é feita uma apresentação do espaço geográfico dos Jardins,acompanhado de intensa crítica ao descaso das autoridades públicas .O discurso jornalístico predomina com informações e denúncias sobre os problemas encontrados pelos cidadãos moradores ou passantes .Começamos a ler:

*“A região é conhecida por Jardins.Onde não há nenhum.A não ser que algum marqueteiro do lugar chame Jardins Suspensos o alto das árvores das ruas da Consolação e arredores balançando de lá para cá...Muitas das árvores estão tomadas por cupim.Seja pelos cupins,ou por sua velhice,ou pela violência do céu,ou por tudo isso junto,por vezes, tombam elas sobre carros ,transformadores,fios elétricos,e quantos mais ,nas furiosas sessões de raios e trovoadas das chuvas de verão.Nessa época, a guia da rua da Consolação,no trecho que desce do alto da Avenida Paulista,o limite norte da região,até a Estados Unidos,o limite sul ,converte-se em uma forte corredeira.A água vem ladeira abaixo roncando com as pororocas que forma para espriar-se ao chegar ao asfalto plano da Estados Unidos.”*

A descrição espacial continua,como o movimento de uma câmera captando imagens num recurso de reportagem gravada para o telejornal diário,com a outra voz da narradora/repórter em *off* e por alguns parágrafos não sabemos quem está descrevendo ou narrando nem o que será contado na seqüência do texto .De repente ,outro gênero discursivo entremeia-se .a fala do narrador/enunciador é reproduzida graficamente na frase,registrando a representação da pronúncia articulada típica dos freqüentadores da elite daquele espaço urbano .Ao descrever os prédios e ladeiras,encontramos :

*“...o olhar avança então,sem limites ,para além ,para a rede curvelínea dos Jardins ,onde não existem prédios.A vista é mag-ní-fi-ca.”*



O narrador ,então, revela-se, assumindo o seu posicionamento no espaço descrito e no do texto , pela primeira vez, em primeira pessoa.. Confessa que as impressões sobre as belezas descritas e provenientes do alto dos edifícios de classe alta, ele nunca experimentou , pois seu olhar não as alcança :

*“Dizem .Porque eu nunca a vi.Sou um habitante do solo.E mais :um sem teto ocasional ...”*

Um conjunto de gêneros integra-se neste jogo de encaixe .O da ficção literária, criando histórias representativas da condição humana entre o riso e a tragédia, o gênero sério – cômico bakhtiniano , nas mazelas sofridas nos grandes centros urbanos brasileiros, da exclusão social, do preconceito.Os elementos extra-textuais tomam forma na neste hibridismo que comunica e ,nesta forma passam a significar . O do discurso da reportagem jornalística que denuncia o descaso das autoridades públicas para com a conservação dos espaços urbanos.A vida imediata é descrita como informação a ser divulgada e que pode ser comprovada pela experiência diária do leitor andando pelas ruas citadas. Para ser compreendido, cenário descrito no texto possibilita a participação interativa do leitor como personagem coadjuvante na situação narrada .O do discurso da propaganda turística ,descreve as belezas da metrópole vista do alto e de longe para reiterar o mito da grandiosidade e encantos da capital paulista. .O discurso oral na conversação, imita o acento familiar dos habitantes de classes privilegiadas, em sua fala sofisticada das socialites ,critica de modo irônico, mesmo se estereotipado, o olhar de quem só vê a partir do alto e não repara no chão.

Os elementos introduzidos, conforme Lotman(1973) , aparentemente fora de regras ,encontram sua significação na maneira como se integram no sistema geral do texto . A sua composição passa a observar uma hierarquia ,como uma espécie de montagem entre os diversos níveis dos texto e estabelecem ligações estruturais complementares entre os tipos de sistemas de signos .Neles intervêm não as coisas ,mas as relações entre as mesmas.

No conjunto de relações este texto *“lisível ,segundo a leitura que ele produz”*(Lotman,1973) gera uma comunicação mediadora entre o autor(destinador ) e o público(receptor)O ponto de apoio das explanações é a ligação entre a organização interna do texto e seu funcionamento social.Esta noção não é literária, mas semiótica..Não apenas o





sistema verbal pode ser considerado,mas o de outros signos e gêneros discursivos que afloram .

Quando buscamos compreender o objeto da comunicação não entre os “*objetos comunicativos*” do mundo,mas entre as formas de identificá-los,de falar deles ou de construí-los conceitualmente(França.2001:42) ,voltamo-nos para a pesquisa do processo de sua construção.Assim também os processos mediadores ,o acesso à informação,a fruição artística e outras experiências comunicativas de cultura e de conhecimento científico .

As mídias tradicionais tendem ao enquadramento em padrões cada dia mais rígidos, dirigidos ao entretenimento e ao consumo imediato .Por este motivo o desenvolvimento da leitura de outras mídias híbridas no que se refere à organização estrutural,podem ser um caminho para a reflexão e a descoberta e apreensão de outras formas de reportar a ação humana diária.

Alguns contos de autores contemporâneos podem estar entre esses objetos a que chamamos de mídia diferenciada.,assim como outros ainda em estudo ,onde os diferentes gêneros discursivos,unidos , instauram suas múltiplas possibilidades de significar .Afinal,”..vivemos num tempo em que as formas de comunicação,em vez de serem fixas,e fechadas,são anárquicas e inacabadas.Contudo tal desorganização reivindica,senão um ordenamento pelo menos métodos de compreensão(Machado,2001:5).



## Referências bibliográficas

**Bakhtin, M.** (1992) Apontamentos 1970-1971, em *Estética e Criação Verbal*, SP, Martins Fontes, pp.369 a 397.

\_\_\_\_\_ (1992) Os Gêneros do Discurso, em *Estética e Criação Verbal*, SP, Martins Fontes, pp.277 a 326.

**Lotman, I.**, (1973) *La Structure du Texte Artistique*, (trad.) Paris, Gallimard.

**Machado, Irene.** (2001) Por que se ocupar dos gêneros?, em *Revista Sympósium: Ciências, Humanidades e Letras*, Universidade Católica de Pernambuco, pp.5 a 7.

**Schnaiderman, Boris** (1983) *Turbilhão e Semente: ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin*, SP, Duas Cidades.

**Tavares, Zulmira Ribeiro.** (1998). *Cortejo em Abril*, SP, Companhia da Letras.

\_\_\_\_\_ (2002) Região, em *Mais*, Caderno de Cultura do Jornal Folha de S. Paulo, SP, domingo, 30 de junho, pp.14 a 17.